

A Igreja e o Ranço Moralista

Luís Corrêa Lima

18/9/2006

“Em algumas circunstâncias, o uso da camisinha é legítimo, sobretudo em epidemias”

Em recente entrevista à televisão alemã, o papa Bento XVI falou de sua visita à Espanha e de temas polêmicos. O padre von Gemmingen, da Rádio Vaticano, disse ao papa que em Valença, no Encontro Mundial das Famílias, ele não fez nenhuma referência às uniões homossexuais e nem tratou de aborto ou de contracepção. A conclusão dos observadores é de que a intenção do pontífice é anunciar a fé e não girar o mundo como “apóstolo da moral”. E perguntou o que ele pensava desta avaliação.

Com um sorriso aberto, o papa respondeu que na ocasião dispunha de pouco tempo para falar e, nessas condições, não se deve começar dizendo “não”. É preciso afirmar o que se quer. E acrescentou: “o catolicismo não é um conjunto de proibições, mas uma opção positiva. E é muito importante que evidenciemos isso novamente, porque essa consciência, hoje, desapareceu quase que completamente”.

Alguns vaticanistas de fato notam um tom moderado no discurso de Bento XVI - que contrasta com o de seu antecessor, bem como com suas próprias posições quando prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé sob as ordens de outrem. Todavia, muitos ainda o vêem como intransigente e tudo interpretam sob este prisma distorcido.

No ano passado, ao receber uma delegação de bispos africanos, ele afirmou que o ensinamento tradicional da Igreja é o único caminho intrinsecamente seguro para se evitar o HIV. E alertou para o perigo de uma mentalidade antinatalista. Difundiu-se então a notícia de que o papa condenou a camisinha. Ora, defender uma conduta sexual baseada no autodomínio e na fidelidade não é opor-se totalmente ao preservativo. O papa possui um conselheiro teológico particular, na Casa Pontifícia. Na época era o cardeal Georges Cottier. Este cardeal havia declarado publicamente que em algumas circunstâncias o uso da camisinha é legítimo, sobretudo em epidemias generalizadas e devastadoras, como é o caso da África. Aí vale o mandamento de “não matar” e se deve respeitar a defesa da vida acima de tudo.

Mesmo na visita à Espanha, quando o papa afirma o valor central da família “fundada sobre o matrimônio indissolúvel do homem e da mulher”, alguns entendem como uma condenação do casamento gay. Ora, exaltar a união heterossexual não significa exortar uma pessoa homossexual a se casar com alguém de outro sexo. Até porque, para o direito eclesiástico, este matrimônio é nulo.

Tudo isto não significa que a moral da Igreja mudou, mas que há uma nova impostação, um outro tipo de convivência com a sociedade secular. A entrevista do Bento XVI, no entanto, sugere mais questões: o que fez o catolicismo ser visto hoje como um conjunto de proibições? Por que a consciência de que ele é uma opção positiva quase desapareceu?

Há no cristianismo uma tradição multissecular de proibição, medo e culpa. Um importante historiador fala de uma “pastoral do medo”, ou seja, o recurso a proibições e ameaças para se obter a conversão. Mas não só no passado distante. Também no presente,

muitos interpretam a doutrina da maneira mais restritiva e condenatória possíveis, com obsessão pelos pecados, sobretudo aqueles ligados ao sexo. E para isso usam insistentemente o púlpito e a mídia. Vêm por toda parte demônios e inimigos de Cristo, ativos e atentos. No carnaval, chegam ao cúmulo de alertarem para a ira divina na iminência de fulminar a cidade por causa de sua licenciosidade. O resultado acaba sendo o descrédito e o afastamento de pessoas lúcidas, bem como o desnecessário tormento de tantas consciências. Gasta-se uma enorme energia inutilmente, perde-se o foco de tantas coisas importantes e muitas chances de se fazer o bem.

Felizmente, há também exemplos de opção positiva. Temos a figura de d. Luciano Mendes de Almeida, de saudosa memória. Com sua imensa generosidade, grande inteligência e criatividade, teve a palavra lúcida e a ação construtiva. Oxalá Deus nos liberte do ranço moralista e ajude o papa neste feliz propósito.

Luís Corrêa Lima é padre jesuíta.